

TABULEIRO DE LETRAS

Campo versus cidade nos discursos prosaicos de *O cachorro e o lobo*, obra de Antônio Torres

Field versus city in the prosaic speeches of *The dog and the wolf*, work of Antonio Torres

Joselia Santos da Silva¹
Maria Neuma Mascarenhas Paes²

RESUMO: Neste trabalho, buscamos descrever e analisar as relações e conflitos entre campo e cidade nos discursos presentes na obra *O cachorro e o lobo*, de Antonio Torres. Para embasar o trabalho, recorreremos aos procedimentos teóricos da Análise de Discurso, a partir de Pêcheux (1997), Orlandi (2002), Fernandes (2007) e Indursky (2008, 2011). E, para discutir o campo e a cidade, nos valem das contribuições teóricas de Williams (1973), Wirth (1938) e Bagli (2010). A análise se constituiu na descrição e interpretação dos discursos sobre o campo e a cidade, mas levando-se em consideração os aspectos sociológicos e literários da obra. Ressalta-se que dentre os procedimentos teóricos da Análise de Discurso, trabalhamos as formações discursivas, que permitem verificar aquilo que pode e deve ser dito pelos sujeitos em determinado momento, e as formações ideológicas, que constituem os sujeitos e conseqüentemente as formações discursivas; dentre os aspectos sociológicos e literários destacamos as discussões entre campo e cidade e a forma como o texto é abordado.

Palavras-chave: Campo versus Cidade; Conflitos e relações; Formação discursiva.

ABSTRACT: In this text, we describe and analyze the relationships and conflicts between countryside and town in the discourses stated in the work *The dog and the wolf* by Antonio Torres. For theoretical basis, we turn to the procedures of discourse analysis, from Orlandi (2002), Pêcheux (1997), Fernandes (2007) and Indursky (2008, 2011). And to discuss the countryside and the town, we make use of the theoretical basis of Williams (1973), Wirth (1938) and Bagli (2010). The analysis was based on description and interpretation of the speeches about the countryside and the town, but taking into account the sociological and literary aspects of the work. Among the theoretical procedures of discourse analysis, we work with the discursive formations that allow you to check what can and should be said by the subjects at any given time and the ideological formations that compose the subject and consequently the discursive formations; from the sociological and literary aspects we highlight the discussions between countryside and town and the way how the text is addressed.

Keywords: Field versus City; Conflicts and relationships; Discursive formation.

¹ Licenciada em Letras-Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB. Aluna do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica), da UNEB. E-mail: josy.ssilva@hotmail.com.

² Professora Doutora da UNEB/Campus II. Pesquisadora do Grupo de Estudos em Resiliência, Educação e Linguagem (GEREL). E-mail: mpaes@uneb.br.

1 Introdução

À medida que as cidades foram surgindo, originaram-se junto a elas novos valores, costumes e, por assim dizer, uma “nova” língua. Enfim, uma nova cultura se formou frente aos valores vigentes do campo. Assim, campo e cidade se contrastam: o primeiro, em sua constante luta para se manter vivo diante da exclusão e esquecimento propagados pela cultura dominante; a segunda, em seu auge de desenvolvimento comercial, tecnológico e econômico.

Assim sendo, é pela concentração existente nas cidades de atividades industriais cada vez mais desenvolvidas, dos avanços tecnológicos que, além de outras coisas, é oferecido às pessoas um espaço de prazer, divertimento e acessibilidade a diversas informações e os avanços na comunicação, de modo que a cidade se caracteriza como sendo dominante e de notável predominância sobre o campo.

As diferenças entre o campo e a cidade não estão apenas nas suas estruturas geográficas, elas se situam principalmente no âmbito das relações sociais, da cultura, costumes e modos de vida. A cidade é o local de constantes mudanças advindas do intenso progresso do capitalismo que, por sua vez, acaba provocando transformações nas relações sociais entre os indivíduos, nos hábitos, modos de ver e agir sobre o mundo e na sua forma de vida em geral na sociedade. As mudanças operadas no meio urbano são importantes e de grande relevância na distinção feita entre a área urbana e a área rural.

Nesse cenário vale ressaltar, por um lado, a falta de políticas públicas que possibilitem o homem se fixar no campo e, por outro, o crescimento das grandes cidades, em vista de sua progressiva produção industrial, o que tem motivado inúmeras migrações de pessoas do campo e de pequenas cidades situadas no interior, indo em busca de melhores condições de vida e objetivos baseados no crescimento financeiro. Assim, o número de habitantes das cidades industrializadas acaba aumentando e conseqüentemente provocando alterações na estrutura social e nas relações sociais, levando a mudanças diversas como as que foram citadas anteriormente.

A aglomeração de pessoas na cidade resulta na diferença de personalidade entre os indivíduos. A concentração de um grande número de indivíduos em uma comunidade urbana ocasiona uma série de transformações nas relações e modos de vida dos sujeitos que apresentam individualidades diversas, o que gera a segregação desses sujeitos, de acordo com suas origens. Em vista disso, a área urbana apresenta uma maior divisão entre as pessoas do que a área rural,

já que esta última não apresenta uma população maior, e por isso não há espaço para grande diferenciação entre os indivíduos, no que diz respeito à cultura, costumes etc.

A obra que se analisa neste trabalho faz parte da trilogia que se inicia com *Essa terra* e se finda com *Pelo fundo da agulha*. Em *O cachorro e o lobo* (obra intermediária), o autor institui como narrador/personagem Totonhim, que migrou para São Paulo em busca de sobrevivência e voltou à sua terra natal depois de vinte anos afastado. Na narrativa, ao regressar para o povoado no interior da Bahia, Junco (hoje, Sátiro Dias), Totonhim faz uma longa viagem ao passado, recontando a história de sua família naquele lugar, lembrando as pessoas que compunham aquele cenário, seus sonhos e, ao mesmo tempo, mostrando como o lugar havia adquirido certas características da vida urbana. Enfim, expõe as formações imaginárias de um sujeito que se constituiu no meio rural e, de forma intercambiável, procura se ajustar ao meio urbano, assumindo os lugares que lhe são determinados, mas não consegue se desvencilhar das lembranças de um passado que, de forma subjetiva, o instituiu como sujeito de discurso.

Diante do que foi colocado, investigamos neste trabalho as Formações Discursivas (doravante FD) que se confrontam em *O cachorro e o lobo*, obra de Antônio Torres; a representação do campo em contraste com a cidade; as formações imaginárias e as formações ideológicas que constituem os sujeitos de discurso.

No desenvolvimento das análises, partimos dos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso, de linha francesa. Nessa perspectiva buscamos, a princípio, entender os fenômenos linguísticos os quais permitiram as interpretações de fragmentos representativos que constam na referida obra. Entre os procedimentos teóricos da Análise de Discurso, trabalhamos com as FD, verificando aquilo que pode e deve ser dito pelo sujeito, em um determinado momento, ou seja, se ele superpõe ou contrapõe à FD dominante, que está de acordo com a Formação Ideológica.

O conceito de FD, proposto por Pêcheux (1997), corresponde ao domínio do saber, o conjunto de discursos que determina o modo de relacionar-se com a ideologia, levando-se em conta o que pode e deve ser dito por alguém em uma determinada circunstância.

Em relação à discussão em torno do campo e da cidade, segundo Williams (1973), a cidade é associada à ideia de lugar das realizações, saber, bem-estar, enquanto que o campo é associado à natureza, à tranquilidade, à forma natural de vida. Se, por um lado, a vida no campo está relacionada à tradição, a vida nas cidades imprime uma configuração moderna.

De acordo com Wirth (1938), os avanços encontrados na cidade estão se ampliando para além do espaço urbano, sendo que tais desenvolvimentos tecnológicos conferem à cidade o papel de elemento dominante na civilização.

2 Formações Discursivas em contraponto: campo *versus* cidade

Para prosseguir com a discussão, tomamos como ponto de partida a noção de FD. Queremos com isso analisar as formações imaginárias do sujeito de discurso na obra tomada como objeto de análise.

Na perspectiva de Pêcheux (1997), todo discurso está inscrito em uma FD e é por isso que o discurso constitui sentidos. Além disso, as FD são definidas pelas formações ideológicas dos discursos. Os sentidos, portanto, são atravessados pela ideologia, e esta, por sua vez, se materializa no discurso para produzir seus efeitos, mas dissimulando sua presença. É por meio da ideologia que temos a ilusão do sentido já posto, estabelecido, a ilusão de que nós somos a origem do nosso dizer. Mas, na verdade, somos naturalmente submetidos ao esquecimento. Esquecemos que tudo que sabemos tem origem em outro lugar, fora de nossa consciência, ou seja, todo discurso se constitui por intermédio das FD, do interdiscurso, da historicidade de sua construção.

Para contextualizar, ressaltamos que na segunda fase foi feita uma reformulação da teoria do sujeito de discurso, já presente na primeira fase, e junto a isso foram desenvolvidos conceitos novos, como a FD, interdiscurso e memória discursiva. Para desenvolver a FD, Pêcheux (1997) apropria-se da noção desenvolvida por Foucault, na *Arqueologia do Saber*, e a traz modificada para a Análise de Discurso, fazendo valer a noção de ideologia, que não interessava à Foucault porque, para este, o poder está em todo lugar, independentemente da ideologia.

Nesse momento que se convencionou chamar de segunda fase, o sujeito de discurso que, na primeira fase, era visto como homogêneo, torna-se heterogêneo, passa por uma reduplicação. Ocorre nesse momento, o desdobramento da forma sujeito em três modalidades de tomada de posição. A primeira consiste naquela em que o sujeito superpõe a FD dominante,

se caracterizando, conforme Pêcheux o chamou, de “bom sujeito”. Na segunda, o sujeito contrapõe a FD dominante, questionando-o, duvidando, e por isso se caracteriza como “mau sujeito”. Já na terceira ocorre uma desidentificação por parte do sujeito de discurso em relação à formação discursiva com a qual estava identificado.

Como estamos falando do sujeito de discurso, vale ressaltar que, de acordo com Pêcheux (1997), na constituição do sujeito funcionam dois tipos de esquecimento: o esquecimento nº 1 e o esquecimento nº 2. No primeiro, o sujeito tem a ilusão de que é a origem de seu dizer, esquecendo assim que os nossos discursos só fazem sentido porque já existem. Já no segundo ocorre o esquecimento, por parte do sujeito, de que existem outros sentidos e outras formas de dizer além da empregada por ele. É nesse sentido que a ideologia opera sobre os sujeitos e, conseqüentemente, na produção de sentidos.

A FD, conceito intrinsecamente ligado à noção de sujeito, pode ser entendida como aquilo que pode e deve ser dito em uma determinada formulação. Ela envolve os sujeitos de discurso que se caracterizam pela posição ideológica que ocupam. Ademais, a FD está sempre em relação com a ideologia e é constantemente atravessada por outras FD. São os discursos que compõem as FD, às quais os sujeitos estão ligados, pertencentes ao interdiscurso o qual, por sua vez, está ligado à memória discursiva, ambos conceitos importantíssimos para a Análise de Discurso. O interdiscurso se caracteriza como um complexo de FD, abrange todos os sentidos, dizeres, sobre um determinado assunto (a FD dominante ou a FD que contrapõe a dominante). Desse modo, o sujeito, quando produz os discursos, recorre ao interdiscurso e o faz com base em sentidos pré-existentes que se encontram arquivados no interdiscurso. Por outro lado, a memória discursiva refere-se tanto aos dizeres de uma FD específica quanto à existência histórica desses discursos. Assim, a memória discursiva é acionada na constituição de sentidos por meio de uma seleção de discursos que poderão ser inseridos em uma determinada FD.

Todo discurso está envolvido por uma exterioridade e, portanto, dizemos que os discursos revelam lugares sociais dos sujeitos, o espaço socioideológico nos quais estes se inscrevem. Nesse sentido, os discursos estão inscritos em FD que, por sua vez, revelam as ideologias que aí estão presentes.

Ao considerarmos os discursos sobre o campo e a cidade, presentes em *O cachorro e o lobo*, verificamos que os discursos construídos acerca de ambos os espaços possuem um lugar na história. Logo, o termo cidade aparece na história e tem discursos construídos sobre ele. Conforme foi abordado no início da presente discussão, ao longo dos anos a cidade adquiriu

valores e, desde sua origem, houve a construção de discursos que atribuíam ao espaço urbano um *status* de superioridade em relação ao espaço rural. Da mesma forma, o campo, no decorrer da história, foi objeto de práticas discursivas que o colocavam ora em posição inferior à cidade, ora como objeto de valorização da natureza. Diante disso, os discursos existentes na história a respeito do campo e da cidade estão inscritos em FD que se cruzam e se contrastam.

O processo de urbanização teve início há séculos, e desde então certos atributos foram criados para fazer referência à cidade ou aos espaços urbanos. Tais atributos passaram a se constituir como marcas das cidades e, conseqüentemente, foram inseridos aspectos para diferenciá-los dos espaços rurais. Conforme Sposito (2010), um dos atributos mais utilizados para caracterizar a cidade e colocá-la em oposição ao campo é a concentração demográfica.

Além disso, a cidade sempre esteve ligada à civilização (FD dominante) em contraposição à rusticidade do campo (FD diferente da dominante). Enquanto FD dominante, os modos de vida, os costumes e a cultura urbana passaram a se sobrepor ao modo de vida rural – cabe aqui a ressalva de que os termos urbano e rural funcionam como adjetivos territoriais. Desse modo, certos costumes, comportamentos, formas de pensar e agir estão diretamente ligadas ao meio em que o indivíduo vive e podem se caracterizar, portanto, como modos de vida urbano ou rural.

Um dos aspectos que diferenciam a cidade do campo, bem como os modos de vida de cada espaço, é o tempo. Conforme Bagli (2010), o tempo se realiza de forma distinta no campo e na cidade: tempo rápido nos espaços urbanos e tempo lento nos espaços rurais. Nessa lógica temporal, as cidades são marcadas pela rapidez dos acontecimentos, das transformações. A efemeridade é frequentemente sentida, haja vista que as mudanças ocorrem em instantes, nada está estabelecido, isto é, as coisas sempre estão em processo de construção e reconstrução, produção e renovação.

Por outro lado, o tempo no campo é lento, porque as mudanças não são percebidas com tanta frequência e rapidez tal qual ocorre na cidade, tudo segue uma lógica que está mais próxima à natureza. Contudo, isso não quer dizer que as mudanças não ocorram, elas costumam não ser percebidas com tanta facilidade como acontece nos espaços urbanos.

O tempo e o uso que se faz dele é dessemelhante entre o campo e a cidade. Nos espaços urbanos o tempo é mais controlado pela lógica do capital e da produção, existe uma hora estabelecida e controlada para as atividades humanas. As pessoas têm um horário para trabalhar, descansar, dormir etc., configurando-se um tempo atropelado pelo intenso

movimento criado pela lógica de mercado. Essa peculiaridade pertencente às cidades determina o modo de vida das pessoas que nelas vivem. Quanto aos espaços rurais, Bagli (2010) observa que estes, embora de forma diferenciada, também têm tido seu tempo determinado pelos ditames do capitalismo.

O uso de tecnologias vem possibilitando o aumento da produção em reduzido tempo, além do maior aproveitamento da terra. Porém, como afirma Bagli (2010), as tecnologias empregadas no campo não garantem a emancipação ou transformação total desse ambiente, visto que a contribuição tecnológica é inegável, mas não permite se ter o controle total da natureza. Isso porque a produção agrícola é guiada pela lógica natural, depende das condições climáticas favoráveis para o seu desenvolvimento, e as tecnologias ainda não possuem a capacidade de controlar totalmente os fenômenos da natureza.

Diante disso, o tempo rural ainda não foi suprimido ou controlado pela lógica concebida pelo viés capitalista. Com isso, essa mesma lógica passa a se apropriar das peculiaridades dos espaços rurais, transformando assim o tempo natural de tais espaços em mercadoria para alcançar seus objetivos no que diz respeito a produção e ao lucro. Tal modelo funciona da seguinte forma:

O cotidiano tenso e intenso do urbano produz necessidades que aumentam a procura por realidades adversas, em busca de um outro tempo menos racional e mecânico e mais atrelado à lógica natural. O tempo natural transforma-se, dessa forma, em mercadoria, sendo vendido àqueles que buscam sair momentaneamente da lógica mecânica vivida no cotidiano urbano. (BAGLI, 2010, p. 85).

Isso talvez explique o porquê de as pessoas que vivem em ambientes urbanos procurarem espaços rurais como alternativa de lazer. No entanto, o que se entende como urbano não se limita às tensões e intensidade de movimento, pois assim como o campo pode ser procurado pela sua realidade diferenciada, a cidade também atrai pessoas por conta de suas peculiaridades.

As particularidades que caracterizam o espaço rural e urbano são expressas pelos hábitos e modos de vida dos indivíduos de cada ambiente os quais, por sua vez, são construídos de acordo com as relações cotidianas. A partir desse entendimento, vale ressaltar as relações que o espaço urbano e o rural estabelecem com a terra. No urbano, a relação com a terra não é de dependência, visto que não se depende dela para garantir a sobrevivência, não há uma ligação entre o homem e a terra; no rural, a relação que se estabelece com a terra é de troca, por

ser ela o meio de sobrevivência do homem. Essa maneira própria de se relacionar com a terra faz o urbano e o rural serem espaços distintos, cada um com suas peculiaridades, o que implica a construção de hábitos também diferenciados.

Por outro lado, certos costumes têm se tornado comuns entre ambos os espaços, o que criou semelhanças entre o campo e a cidade. Esse fato tem se tornado possível devido à inserção do campo no mercado de consumo, visto que as pessoas dos espaços rurais têm a possibilidade de adquirir produtos e serviços provenientes dos espaços urbanos. Tal mudança aproxima duas realidades que antes eram bastante opostas. Dessa maneira, as relações entre urbano e rural têm se intensificado, segundo aponta Bagli (2010):

As mercadorias transformadas e produzidas na cidade (eletrodomésticos, automóveis, vestimentas etc.) invadem o campo, assim como os produtos gerados no campo (alimentos em geral, matérias-primas) invadem a cidade. Essa relação entre campo e cidade se intensifica, porque a divisão territorial do trabalho, estabelecida pelo desenvolvimento do modo de produção, coloca funções espaciais para cada espaço, de modo que eles se interrelacionem e se complementem. (BAGLI, 2010, p. 96).

A aproximação entre campo e cidade, por meio da intensificação de suas relações, como apontado acima, tem levantado reflexões em torno da supressão do campo e de seus modos de vida, por causa da intensidade e rapidez com que a urbanização tem alcançado os espaços rurais. No entanto, como afirma Bagli (2010), a lógica do modo de produção é capaz de incorporar e ajustar espaços diferenciados às suas imposições e, por isso, o campo não precisa ser urbanizado para ser inserido dentro dessa lógica. Assim, o processo de urbanização não torna o urbano e o rural espaços homogêneos.

As relações entre campo e cidade, que são percebidas com maior intensidade, ocorrem em favor das necessidades de buscar no outro o que não se encontra nos espaços cotidianos, e isso acaba gerando hábitos comuns. Contudo, tais aproximações não implicam a eliminação do modo de vida rural, pois as diferenças ainda se mantêm, embora seja verdade que se criaram semelhanças entre o campo e a cidade. As mudanças ocorridas no espaço rural não atingiram a essência do que seja viver no campo, visto que suas peculiaridades ainda existem, mesmo que escondidas sob o véu da aparência.

Se levarmos em consideração os pressupostos aqui apresentados, torna-se pertinente ressaltar que a presença de tecnologias e serviços advindos dos espaços urbanos nos espaços rurais não significa que estes deixaram de existir ou perderam suas características. Acatar tal

possibilidade implicará a ideia de que o campo para ser campo tem que ser desprovido de qualquer tipo de tecnologia e desenvolvimento, tem que permanecer na rusticidade. Ora, utilizar tecnologia, fazer uso de serviços urbanos não quer dizer que o campo perderá sua essência e se tornará urbano.

A partir das abordagens introdutórias acerca do campo e da cidade, passamos a analisar as relações entre esses dois espaços em *O cachorro e o lobo*, obra de Antonio Torres. Na referida obra, o espaço urbano e o espaço rural aparecem de forma contrastante. O primeiro, em posição de superioridade, já que nele estão concentrados os elementos que caracterizam o progresso. O segundo é ligado à ideia do não progresso, do atraso, a julgar pelo ritmo desacelerado do tempo e dos acontecimentos.

Em *O cachorro e o lobo* estão evidenciadas as diferentes FD que constituem os discursos do sujeito enunciador e revelam uma realidade social que se encontra na história brasileira. Pensando dessa forma, temos na obra os seguintes elementos: o crescimento das cidades, a atração que o universo citadino passou a exercer sobre as pessoas, o processo de urbanização e o processo de migração das pessoas do campo para os espaços urbanos.

Com base nesse entendimento, cabe lembrar que os discursos são construídos a partir de discursos já existentes os quais são retomados pelo sujeito no momento de sua formulação. No entanto, o sujeito realiza o processo de repetição, produz uma paráfrase, sem se dar conta de que ele não é a origem do dizer, que os discursos por ele acionados vêm de uma exterioridade que se encontra já lá no interdiscurso.

Sendo assim, o processo de repetibilidade é inerente à produção dos discursos e é responsável pela cristalização dos sentidos, como aponta Indursky (2011). Contudo, ainda conforme a autora, o processo de repetição também pode levar a um deslizamento, a uma resignificação, a uma quebra do regime de regularização dos sentidos (INDURSKY, 2011). Esse deslizamento dos sentidos é possível quando o sujeito contraidentifica-se ou desidentifica-se com a FD dominante, com os sentidos cristalizados.

Quando falamos em processo de repetição e deslizamento de sentidos pensamos em dois processos importantes na constituição de sentidos e que são inerentes à linguagem considerada com enfoque discursivo, a saber: a paráfrase e a polissemia.

A paráfrase ocorre quando há uma retomada, uma repetição de discursos em que os sentidos permanecem inalterados. Assim:

[...] Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A parafrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. (ORLANDI 2002, p. 36).

Cabe dizer que a parafrase funciona no nível da produtividade. Sendo assim, quando o processo parafrástico está em jogo, mesmo sendo os discursos retomados por vários sujeitos, em situações diversas, os sentidos serão cristalizados, legitimados.

É por meio dos processos parafrásticos que certos discursos se tornam dominante, uma vez que pelo viés desse processo cada discurso é retomado para ser repetido. Embora tal repetição se realize de forma diferente, o que importa é a permanência dos sentidos que são regidos pela ideologia.

Em relação à polissemia, dizemos que funciona no discurso quando há a ruptura de sentidos, quando é possível a criação de novos sentidos a partir daquele que foi retomado. A polissemia funciona no nível da criatividade:

[...] criatividade implica na ruptura do processo de produção da linguagem, pelo deslocamento das regras, fazendo intervir o diferente, produzindo movimentos que afetam os sujeitos e os sentidos na sua relação com a história e com a língua. Irrompem assim sentidos diferentes. (ORLANDI, 2002, p. 37).

Faz-se necessário perceber que nesse processo também há retomada de discursos pré-existentes. Nesse caso, o que ocorre de diferente é que os discursos serão retomados não para serem repetidos, mas sim para que haja a criação de novos sentidos a partir da ruptura do sentido já existente. Vejamos como funciona a polissemia:

[...] Quem voltava tinha a obrigação de contar vantagens, trazer as modas, embasbacar os que ficaram, como era o dever e responsabilidade de um aventureiro bem-aventurado. (TORRES, 1998, p. 68).

Nesse trecho, retirado de *O cachorro e o lobo*, verificamos que ocorre o processo polissêmico, visto que houve a construção de um novo sentido por meio da ruptura do sentido existente. Nesse caso, o sentido enraizado no pré-construído retomado pelo sujeito de discurso no mesmo trecho corresponde àquele que diz ser a cidade garantia de sucesso aos que nela foram se aventurar. A partir da ruptura desse sentido o sujeito de discurso constrói o novo: a

cidade não dá garantia nenhuma de sobrevivência e muito menos de sucesso para aqueles que nela vão se aventurar.

É sabido que o espaço urbano é regido pela lógica capitalista. Por conseguinte, aqueles que não conseguem se incorporar nessa lógica e contribuir de algum modo para a produção de lucros não conseguirá sobreviver. Isso evidencia-se no trecho supracitado, no qual o enunciador fala que os indivíduos, quando retornavam ao campo, precisavam contar vantagens, encobrindo assim a verdadeira realidade. Na ficção, isso aconteceu com o personagem Nelo, retratado no trecho, que voltou de São Paulo sem nada, por não ter conseguido incorporar-se à lógica da produção. Aqueles que o esperavam acreditavam que a cidade podia transformar vidas, garantir sucesso financeiro. No entanto, o sujeito enunciador revela outro sentido possível em relação à cidade.

Assim sendo, o sujeito constrói seus discursos a partir da tensão entre o mesmo e o diferente, pois, ao realizar o processo parafrástico, ele retoma os dizeres da FD dominante e, ao mesmo tempo, provoca uma ruptura nos sentidos aí presentes, por meio do processo polissêmico, inscrevendo-se em outra FD e assim questionando a FD dominante.

3 As Formações Ideológicas dos discursos em *O Cachorro e o Lobo*

O sujeito, para a Análise de Discurso, é um sujeito histórico, ideológico e social. Na sua constituição, ele é duplamente afetado pelo inconsciente e pela ideologia e é sob essa articulação que produz seus discursos (INDURSKY, 2008).

A noção de sujeito está diretamente ligada à noção de FD, visto que, para entender como o sujeito funciona no discurso, devemos levar em consideração o seu modo de relacionar-se com a FD com a qual está identificado e com a ideologia aí presente.

Os discursos de uma FD envolvem sujeitos de diferentes lugares sociais e a presença de diferentes discursos. Trata-se “de uma interdiscursividade caracterizada pelo entrelaçamento de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais” (FERNANDES, 2007, p. 51).

Em *O cachorro e o lobo*, verificamos que os discursos oriundos da FD da ruralidade e da FD da urbanidade estão inscritos em um momento em que pessoas do interior da Bahia, mais especificamente do Junco (Sátiro Dias), migravam para cidades do Sul do Brasil em busca de melhores condições de vida. Nesse processo, a cidade é pensada como o centro das realizações,

como o lugar da civilização e das possibilidades, sobre as quais devemos levar em conta as conquistas de melhores condições de vida.

Depois passou-se a sonhar com o Sul, as terras ricas de São Paulo-Paraná. Os que voltavam traziam novas histórias. Contavam as aventuras de uma cidade com mais de trinta léguas de ruas. Onde, durante o dia, um ajudante de pedreiro se besuntava na massa e na cal preparando o reboco para os edifícios em construção, e, à noite, se lavava todo, se perfumava e se vestia igual a um doutor - para tanto o dinheiro dava. (TORRES, 1998, p. 50).

[...] o primeiro caminhão foi embora, levando a primeira moça dessa terra a se aventurar no mundo, sozinha, deixando seus pais desesperados [...]. Ela iria voltar mais tarde, falando bonito e cheia de modas encantadoras. Era a civilização em pessoa. (TORRES, 1998, p. 56).

Levando em consideração que toda FD revela formações ideológicas, identificamos que a FD dominante presente na obra revela uma ideologia específica de grupos sociais urbanos defensores da supremacia dos centros urbanos. Além disso, no excerto supramencionado podemos observar que o sujeito de discurso superpõe estrategicamente os saberes da FD dominante, dando a impressão de ser um “Bom Sujeito”, mas sua intenção é questionar a FD dominante, como podemos ver a seguir:

[...] Primeiro, uma conversa com meu irmão Nelo, aqui nesta cozinha, no dia em que ele chegou de São Paulo, muito bem embalado num terno de casimira, sapatos de duas cores, a boca cheia de dentes de ouro, um relógio brilhando mais do que a luz do dia, um rádio de pilha faladorzinho como um corno, e nem um tostão furado nos bolsos – o que só fui ficar sabendo quando já era tarde demais para fazer alguma coisa [...] (TORRES, 1998, p. 39).

Ao chegar, do jeito que estava vestido, e pelos seus modos lá do Sul, Nelo (o exemplo vivo de que a nossa terra podia gerar grandes homens etc.) não aguentou a parada. Matou-se quatro semanas depois. (TORRES, 1998, p. 39).

Daí podermos dizer que ambas as FD presentes na obra revelam formações ideológicas que, por sua vez, são representadas por meio dos discursos construídos acerca do campo e da cidade. Assim, de um lado, temos a ideologia dos grupos sociais do ambiente rural, ou daqueles que reconhecem o seu valor; de outro lado, temos a ideologia dos grupos sociais urbanos, aquela ligada ao capital, ao uso do tempo em favor da produção. E, nesse jogo, o escritor, no exercício da função autor, assume o lugar de sujeito que se contrapõe à FD dominante.

Sob essa ótica, é possível afirmar que a ideologia constitui os sujeitos e, por conseguinte, os sentidos. A produção dos discursos é sempre atravessada pela ideologia, melhor

dizendo, os sujeitos, na produção de seus discursos, são atravessados pela ideologia, apesar de não perceberem. Assim sendo, os sentidos somente são possíveis porque já existem. Todo dizer se constrói com base em um “já-dito” em outro lugar, em outro momento, por outros sujeitos.

Isso posto, e levando-se em consideração que produzimos nossos discursos de acordo com a nossa inscrição em uma determinada FD – e conseqüentemente em uma formação ideológica –, faz-se necessário pontuar que as palavras não possuem sentidos fixos, como verificamos nos dicionários. As palavras adquirem sentido a partir do uso que fazemos delas. Isso leva em conta os sujeitos, a inscrição socioideológica destes, a realidade histórica e social, enfim, as condições de produção é que vão determinar a construção dos sentidos. Em vista disso, um sentido pode tornar-se outro, face aos lugares socioideológicos ocupados pelos sujeitos.

Na retomada aos pressupostos anteriormente apresentados a respeito da constituição dos sentidos, da ilusão de que somos a origem do nosso dizer, é pertinente recorrer, mais uma vez, aos discursos materializados em *O cachorro e o lobo*, no qual estão em funcionamento os aspectos discursivos que vêm sendo objetos de reflexão neste trabalho.

Portanto, quando o sujeito de discurso fala do campo e da cidade deixa em seu discurso incompletudes a serem preenchidas pelos leitores. Assim, alguém que se dê o trabalho de se reportar à história saberá que os discursos desse sujeito só fazem sentido porque, na verdade, já fazem sentido, isto é, possuem uma memória discursiva que os sustentam. Quando nos referimos às incompletudes que os discursos comportam somos levados a pensar nas formações imaginárias, que também operam na constituição dos sentidos. Logo, ao produzir seu discurso, o sujeito faz antecipações por meio da imagem que faz de si e do outro, seu interlocutor, e ao se colocar no lugar desse outro produz seu discurso, deixando lacunas que sejam preenchidas pelo receptor.

Daí podemos reiterar, dizendo que os sentidos os quais emergem dos discursos em *O cachorro e o lobo* possuem um lugar na história, têm uma memória discursiva que os sustentam. Assim, a FD que aparece na obra como dominante é aquela que produz discursos da cidade como centro da cultura e civilização, enquanto que a FD diferente da dominante produz dizeres em torno do campo. Desse modo, a inscrição do sujeito de discurso em uma ou outra FD implicará em diferentes posições ideológicas.

4 Considerações finais

Neste trabalho, foi possível entender que a produção dos discursos envolve uma série de procedimentos teóricos e práticos, os quais, ao serem analisados à luz da Análise de Discurso, mais precisamente da FD e da Formação Ideológica, noções que estão intrinsecamente ligadas, permitem que interpretações fundamentadas em materialidades sejam feitas.

No tocante às FD, estas representam as formações ideológicas nos discursos. Desse modo, o sujeito de discurso, ao se inscrever em uma FD, está inscrito também em uma formação ideológica que corresponda àquela. Dizemos, pois, que os discursos são produzidos de acordo com os lugares, as posições ocupadas pelos sujeitos nos discursos, de modo que haverá a produção de determinado sentido e não de outros.

Além disso, verificamos como as FD se instalaram, de forma parafrástica e polissêmica, na obra analisada. Ou seja, sob a forma parafrástica os discursos da FD dominante foram retomados pelo viés da repetição, mas para desconstruir os sentidos da FD que se dizia dominante. Por outro lado, o processo polissêmico permitiu que os discursos da FD dominante fossem reconstruídos por meio da ruptura de sentidos. Dessa forma, o mesmo e o diferente coexistiram em conflitos na obra. Pelo processo parafrástico os discursos dominantes foram retomados, mas por outro lado o processo polissêmico permitiu que houvesse a ruptura dos sentidos e fossem construídos outros em seu lugar.

Em *O cachorro e o lobo*, observamos a presença de duas FD em contraponto: a da predominância da cidade enquanto civilização (FD dominante) e a do campo (ora colocado como lugar da tranquilidade, paz, harmonia etc.). Assim, ora o sujeito de discurso retoma, estrategicamente, os dizeres da FD dominante pelo viés da paráfrase, recorrendo dessa forma a um mesmo espaço de dizer, ora rompe com esses discursos, instaurando sentidos diferentes. Vale dizer que o sujeito de discurso se fez passar por “bom sujeito” (aquele que se identifica totalmente com a FD dominante), mas na verdade trata-se de um “mau sujeito”, porque questiona os saberes da FD dominante, mostrando que a ideia idealizada que se construiu sobre a cidade é uma ilusão.

Diante do que foi colocado, não é demasiado ressaltar que os discursos possuem uma existência histórica, uma memória discursiva, que todo discurso está imerso no interdiscurso e é por isso que se constitui em sentidos. É por intermédio do diálogo entre os dizeres que outros

sentidos vão sendo construídos, sem esquecer, é claro, que as posições socioideológicas que os sujeitos ocupam nos discursos também interferem na produção de sentidos.

Além disso, a construção dos discursos se dá pela tensão entre o mesmo e o diferente (paráfrase e polissemia). Dessa forma, a recorrência a um mesmo espaço de dizer, que produz os mesmos sentidos desse espaço, é necessária para que haja a construção do diferente. Dito de outra forma, para que haja sentidos, tornando-se necessária a repetição, já que todo dizer é sustentado por discursos já existentes, por uma memória. Da mesma forma é preciso que haja a contraposição à repetição, para haver a construção de novos sentidos. Os sentidos sempre podem ser outros, são sempre suscetíveis de se tornarem diferentes.

Referências

BAGLI, Priscilla. Rural e urbano: harmonia e conflito na cadência da contradição. In: **Cidade e Campo**: relações e contradições entre urbano e rural/ Maria Encarnação Beltrão Sposito, Arthur Magon Whitacker (Orgs) 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise de Discurso**: Reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise de Discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília (Orgs.). **Práticas Discursivas e Identitárias**. Sujeito & Língua. Porto Alegre, Nova Prova, PPG-Letras/UFRGS, 2008. (Coleção Ensaio, 22).

_____. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). **Memória e História na/da Análise de Discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: Princípios e procedimentos. 4. ed. São Paulo: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade. In: **Cidade e Campo**: relações e contradições entre urbano e rural/ Maria Encarnação Beltrão Sposito, Arthur Magon Whitacker (Orgs) 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

TORRES, Antônio. **O Cachorro e o Lobo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. 224 p.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade**: na história e na literatura. Londres, 1973.

WIRTH, Louis. **O Urbanismo como Modo de Vida**. Rio de Janeiro, 1938, p. 97-122.

Recebido em: 29 de março de 2017.
Aceito em: 14 de junho de 2017.